

Todos os desportistas devem comprar a revista STADIUM

Stadium

N.º 207 — 20 de Novembro de 1946 — Esc. 2\$00



ALBANO
do Sporting

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

AS REVELAÇÕES de CANUTO



Carlos Canuto foi um magnífico avançado-centro, no antigo Carcavelinhos: era activo, enérgico, oportuno e de bom toque de bola

CARLOS CANUTO — um dos nossos prestigiosos árbitros internacionais — é uma personalidade de valor no futebol português. As suas «apitadelas» são de mestre. Profundamente conhecedor do assunto, também lhe assenta magnificamente a designação do mais popular dos árbitros portugueses. Porque «ápita» há muitos anos. Ainda porque, dado o seu feitio pessoal de permanente boa disposição, Carlos Canuto disfruta no futebol português de muita simpatia. É uma figura da bola, dos tempos do Império, enquanto o Carcavelinhos não passou à primeira categoria. Depois, ficou-se no clube de Alcântara — de que foi um dos fundadores. Andá apegado ao popular jogo há mais de tres dezenas de anos e esta vida de futebol dará um dos mais curiosos livros — as memórias que Carlos Canuto há-de publicar quando abandonar a arbitragem.

Mas conversemos um pouco com o Canuto. Pensamos em meia dúzia de perguntas, susceptíveis de despertar curiosidade, e fomos arrancar Canuto à tertúlia onde é um traço de alegria.

— Que mudança encontra no futebol, desde os seus tempos aos de hoje?

Canuto pensa um pouco. Revive em mente os tempos antigos, pensa por certo num Benfica-Sporting de agora e diz:

— Quanto a mim, tenho imensas saudades do meu tempo de jogador de futebol, sem marcações cerradas, e sem teorias pensadas no gabinete pelos treinadores, com meia dúzia de jogadores a auferirem subvenções mensais — visto que a maioria jogava desinteressadamente — com os olhos postos no nome do clube e no seu brio de atleta. O futebol, então, era jogado à vontade de cada um consoante a habilidade e as combinações entabuladas entre nós, os jogadores. Minutos antes do jogo combinávamos como íamos actuar para levar à certa o nosso adversário. Tínhamos aquele desejo de jogar e contribuir com as nossas vitórias para colocar em evidência o clube da nossa predilecção, que, com raras excepções, ajudáramos a fundar.

O futebol dos estrangeiros que, nesses

tempos, nos visitaram, era por nós observado com verdadeiro agrado, especialmente os grupos da Europa Central. Tentel sempre imitar esses jogadores o melhor que sabia, observando com extrema atenção o seu *passo curto* e a desmarcação. E a maneira como vi jogar os uruguaio e os paulistanos, com as suas *fintas primorosas*, deu motivo a que, no Carcavelinhos, puzesse em prática um futebol que agradou a muita gente.

— Hoje tudo mudou, como no poema do estudante alaciano. Os honorários fizeram voltar tudo do avêso... O progresso ainda não atingiu o grau que desejaríamos e presentemente, pelo que os clubes de Lisboa têm feito no campeonato regional, baixou em relação à época passada.

Levamos ainda Canuto a reviver os seus tempos de jogador:

— Quais eram, no Carcavelinhos, nesse tempo, os jogadores mais em foco?

— Os meus companheiros de clube, em que predominava a *raça minoreca*, eram grandes *malabaristas*. O Carlos Domingues, José Domingues, Manuel Rodrigues, Alfredo Sota, Chocalatinho e tantos mais — faziam um conjunto muito bom.

Deixamos essa época. Passamos a falar com o Carlos Canuto, árbitro de futebol.

— Quando começou a arbitrar? E porque se fez árbitro?

— Há 26 anos, no acto da marcação do Campeonato de Lisboa, era necessário que cada clube apresentasse dois árbitros por categoria. Nessa altura fui indicado para árbitro da 1.ª categoria, conjuntamente com Jacinto e Filipe Domingos, Henrique Silva, Benvidio Casaca e outros. Todos estes estão *reformados* com o ordenado por inteiro... mas eu cá continuo, embora por pouco tempo. Os anos *pesam*. Estou perto dos 50 da ordem e desejo sair — não aborrecendo ninguém.

— E que tal se deu no princípio da sua carreira de árbitro. Gosta de arbitrar?

Canuto sorri. Esta pergunta deve lembrar-lhe muitos domingos de bola...

— Ao princípio tive alguns *bicos* de obra a resolver. A história desses casos ficará para revelar noutra altura. Gosto, de facto, de dirigir encontros de futebol e, vamos lá, não tenho grandes razões de queixa. No entanto, já tenho passado alguns maus boca-

dos e já sai do campo com honras de embaixador...

Profundamos um pouco mais as opiniões do árbitro:

— Como reage o público às suas decisões?

— Com excepções, a reacção do público verifica-se, a maioria das vezes, devido ao desconhecimento das regras do jogo e do bom senso que sempre deve imperar na sua apreciação. No nosso país existe ainda muito *facciosismo clubista* e os árbitros são apreciados de uma maneira que *confrange*, visto que a maioria dos seus observadores deviam olhar para si próprios e, feito esse exame de consciência, por certo corariam de vergonha.

— E os jogadores?

— Os jogadores, a grande maioria, já conhece as regras de jogo e já sabe destrinçar as boas e más decisões e as boas e más interpretações.

— É mais difícil arbitrar hoje ou antigamente?

— Ser *juts* de qualquer coisa foi sempre difícil em todos os tempos, mas quanto maiores conhecimentos das regras do jogo possuírem os aficionados mais fácil se torna a direcção de um desafio de futebol. Hoje, por tudo, está mais facilitada a arbitragem.

Uma pergunta, boa para o feitio de Canuto:

— Quais os desafios que hoje recorda com mais susto?

— Susto, propriamente dito, não é bem. Recelo de um fanático clubista, talvez. Mas a justiça, o bom senso, o meu passado de jogador, as amizades que tenho na *velha guarda* e nos componentes de todos os clubes, têm atenuado os maus bocados...

Iamos terminar as perguntas. De momento não nos ocorria nenhuma outra:

— Que impressão lhe causou a arbitragem do seu primeiro desafio internacional?

— Satisfação por ter atingido o máximo que um árbitro pode desejar.

E ficou por aqui esta troca de impressões com o conhecido e prestigioso árbitro de futebol.

Carlos Canuto voltou para a roda dos amigos, acamarrando e distribuindo os seus ditos de espirito, com boa disposição e tranquilidade, apesar de lhe termos falado na véspera do Benfica-Sporting. Um desafio de dores de cabeça para qualquer árbitro.

FERNANDO SA



Val começar a faina! Canuto, sereno e imperturbável...



Canuto, na hora do descanso, gosta do cavaco. Também tem a sua tertúlia, e sempre enfeitada...



Sporting, campeão 18 vezes, e campeão na época de 1946-47, após o desafio empolgante de domingo passado no Campo Grande:

No primeiro plano, da esquerda para a direita: Manuel Marques, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Tróvassos e Albano. No segundo plano; Barroso, Cardoso, José Manuel (director), R. Kelly (treinador), Canário, Veríssimo, Manuel Marques (maçagista), e Azevedo

ACABOU O CAMPEONATO DE LISBOA DE 1946-47

Ciência de jogo e boa condição física

como base da vitória dos «leões»

O SPORTING venceu o seu 18.º Campeonato mas o BENFICA deixou bom rasto na Prova

Crónica de TAVARES DA SILVA



ESTA lebre está corrida! O Campeonato de Lisboa de Futebol, vivendo, até o derradeiro apito, sempre uma incógnita, acabou com brilho e beleza.

Regulamentariamente, a jornada número dez tinha o mesmo número de encontros que as antecedentes. Na prática, tudo se reduzia ao Campo Grande. Era esse encontro que ditava o vencedor, escolhendo um dos dois finalistas de um torneio em sistema de poule.

Na décima e última jornada verificaram-se estes resultados:

Benfica..... 1 — Sporting.... 3
Belenenses.. 1 — Atlético..... 2
C. U. F..... 2 — Oriental.... 1

A expectativa à volta do Benfica-Sporting não foi iludida!

Quantos assistiram à memorável partida, e mais pessoas lá não estiveram por dificuldade de obtenção de bilhetes, deixaram-se subjugados pela intensidade da pugna, emotiva e dramática, dando vantagem ora a um ora a outro, numa interrogação, enervante, mas do mais vivo interesse.

Abstraindo do resultado feliz para as cores verde-brancas, pode dizer-se que o futebol lisboeta esteve em festa. Além de tudo, a comunhão de todos os assistentes na apoteose ao guarda-redes Azevedo (como nunca vimos em Portugal) representou uma bela atitude desportiva. No fundo do adepto há o sentimento da lealdade e justiça.

A carreira do Sporting no presente Torneio foi particularmente brilhante: apenas caiu na nona jornada, para logo se reerguer em todo o esplendor da sua valia técnica e da perfeição do seu fute-

bol de excelente nível. A vitória final foi, justamente, a expressão de um mérito que, logo nas primeiras jornadas, se desenhava e mais tarde havia de vincar-se: harmonia e solidez na defesa; e ataque rejuvenescido pelo concurso de dois interiores — jogadores de alto a baixo.

O Benfica também deixou um rasto de excelente comportamento na valorosa competição, fazendo exhibições de bom futebol, na sua maneira viva e ardente, rápida e audaciosa. Fustigado por uma lesão que afectou profundamente a sua guarda defensiva, nem por isso os benfiquenses esmoreceram. Pelo contrário, mantiveram-se em campo com galhardia.

O Belenenses, no fim e ao cabo, ocupou o terceiro posto da tabela. O team revelou-se, de um modo geral, um pouco em crise, com os seus homens da defesa em abajamento de forma, e com um ata-

que defeituoso. Todavia, foi capaz de desferir ainda um golpe brilhante: a verdade é que o 3.º infligiu a única derrota ao campeão. Segue-se o Atlético, em busca de fixação definitiva dos seus valores, e cuja média de actuação se pode classificar de satisfatória.

Vem depois o Oriental, estuante de energia — animando a Prova com o seu brio e energia admirável. Fechando o cortejo — a Cuf. Mas é justo vincar que, mesmo o lanterna encarnada, afirmou capacidade técnica e não deixou de dar-nos exhibições de bom paladar.

A classificação final fixou-se da seguinte forma ao cabo das dez jornadas:

Sporting, 7 vitórias 2 empates e 1 derrota, 37 bolas contra 19, 26 pontos; Benfica, 6 vitórias 2 empates e 2 derrotas, 41 bolas contra 22, 24 pontos; Belenenses, 4 vitórias 3 empates e 3 derrotas, 19 bolas contra 15,

Separata do SPORTING

Publicaremos no próximo número uma fotografia a cores da equipa vencedora pela 18.ª vez do Campeonato de Lisboa de futebol, na época de 1946-47.

Está nas tradições da «Stadium» termos sempre esta distinção para com os vencedores das grandes competições desportivas, satisfazendo assim um vivo desejo do público desportivo.

Com o fim de atendermos todos os pedidos extraordinários, e pela necessidade de fazer uma tiragem tanto quanto possível exacta, pedimos aos nossos prezados Agentes e a todos os interessados para nos mandarem, até sexta-feira próxima, dia 22, as suas requisições. É a única forma de garantirmos a satisfação desses pedidos.

21 pontos; Atlético, 4 vitórias 2 empates e 4 derrotas, 25 bolas contra 26, 20 pontos; Oriental, 2 vitórias 1 empate e 7 derrotas, 20 bolas contra 36, 15 pontos; Cuf, 2 vitórias e 8 derrotas, 15 bolas contra 39, 14 pontos.

O campeonato de reservas foi ganho pelo Belenenses, destacado, a evidenciar uma superioridade absoluta, com 29 pontos. Seguiram-se: Benfica 24, Sporting 23, Atlético 17, Oriental 17, e Cuf 13 pontos.

Em segundas categorias (está para resolver um recurso do Sporting, que, em hipótese de procedência, modificaria a tabela) venceu o Benfica, com 26 pontos. Seguindo-se: Sporting 24, Belenenses 21, Oriental 18, Atlético 17, e Cuf 13 pontos.

A Taça para o conjunto das 3 categorias cabe aos leões, que somaram 73 pontos. Os outros: Benfica e Belenenses, 71; Atlético, 54; Oriental, 50; Cuf, 40. O campeonato de Lisboa passou à história. O Sporting conquistou o título pela 18.ª vez, levando um avanço considerável sobre todas as forças de Lisboa.

A partida emocionante de Lisboa!



As forças alinharam no Campo Grande da maneira que seguidamente indicamos, sob a arbitragem de Carlos Canuto.

Benfica — P.

Machado, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, F. Ferreira, E. Santo, Arsénio, Júlio, V. Baptista e Rogério.

Sporting — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Veríssimo, Barrosa, J. Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

A pugna ofereceu variados matizes: domínio de um, e logo do outro grupo; vitória a sorrir a um dos teams, para depressa se voltar para o outro. Ainda uma lesão de

capital importância, levando Jesus Correia e Veríssimo para dentro das balizas.

Quando Canuto apitou para o começo — os leões desencadearam sem perda de tempo as suas ofensivas. Tal orientação denunciava o seu estado de espírito. Na realidade era ao Sporting, logicamente, que competia o assalto, devendo o Benfica, a coberto da sua vantagem, aguardar com serenidade o desenvolvimento do jogo. Mas, caso estranho, os benfiquenses mostravam-se mais impacientes e sob mais viva influência nervosa, do que o seu adversário. Este já-mais perdeu a cabeça, conservando sempre o cérebro a trabalhar. Mesmo nos momentos angustiosos, vide a fase de Veríssimo nas redes, os seus elementos souberam vigiar o jogo e coligar-se na defesa comum das redes.

Já o seu adversário não teve tacto para explorar a inferioridade numérica do antagonista, visto os seus elementos de ataque se embruilharem em frente das redes, traçando um futebol confuso em vez de espalhar o jogo pelas asas. Deste modo os bons rematadores da linha atacante do Benfica não puderam aplicar com êxito os chamados golpes mortais. A bola encontrava sempre na sua trajetória o corpo de um jogador, ou um pé salvador de defesa.

Quando Azevedo reentrou incapaz de mover o braço esquerdo caído e inerte ao longo do corpo, o Benfica ainda fez o empate pelo lado desse braço, mas em seguida desistiu para mudar de rumo no

sendo como se realiza e tendo forças para realizar. A sua mecânica raramente foi destruída: na defesa, colocação de Barrosa no centro do terreno (3 backs); médios de ataque, e uma dianteira, rápida e precisa, forte e eficaz.

O Benfica encontrava-se num dia de má-inspiração, dando alguns dos seus elementos a ideia de uma perturbação que não lhes deixava ver a sangue-frio as jogadas, por vezes fáceis, ou as manobras a fazer. A ligação ou colaboração, da defesa para a média, tornou-se deficiente pela necessidade da linha medular acorrer à frente, ao verificar a ineficácia da dianteira. Os interiores, perdidos no meio da confusão, também se esqueceram de dar à célula medular o auxílio indispensável, e dessa falha geraram-se fortes ataques sportingistas.

Mas demos um golpe de vista à actividade dos jogadores, que é uma forma de fazer luz sobre o que se passou em campo. Começamos pela equipa vencedora.

João Azevedo destacou-se como a figura central da partida. Meteu o público no bolso: primeiro, com um punhado de defesas incomparáveis; segundo, pelo espírito de sacrifício. O seu regresso às redes, cheio de dores, justificava-se, pelo lado clubista, como chicotada moral no conjunto. E logo se viu o influxo.

Cardoso comportou-se como mestre que é; visão do lance, antecipações magníficas. Manuel Marques, elástico, vivo, outro estilo, mas igualmente um valor.

sóbrio que de outras vezes, teve jogadas de excelente marca.

No Benfica, julgamos que P. Machado não teve culpas nos golos. Talvez o terceiro... Mas a verdade é que os remates rápidos e potentes surpreendem e batem qualquer guarda-redes. Teixeira jogou francamente bem, de bom despacho de bola, sentido e antecipação, com a vantagem do seu companheiro (que talvez não seja defesa mas continue a ser médio!) se mostrar pouco certo e seguro. Jacinto apagou-se um pouco: sem iniciativa e menos feliz nas respostas que ordinariamente.

Moreira desenvolveu extraordinária actividade em certo período, mas em toada de defesa.

Francisco Ferreira despendeu energia a rodos: quando viu a altura de atacar, lançou-se abertamente nesse caminho mas não teve acompanhantes. Espírito Santo não progrediu no terreno. Arsénio produziu lances de grande vivacidade, mas acabou, arrasado, fisicamente. Júlio perdeu-se no meio da confusão geral. Vitor Baptista rematou com oportunidade, colocação e força (o melhor dos rematadores!), a par de deficiências de posição. Rogério, de bons pormenores, decaiu um pouco para o meio do campo, e raramente pôde perfurar a barreira adversária.

Carlos Canuto arbitrou com mão de mestre, consentindo o jogo forte e ousado, mas sem violências. Nem um só momento deixou de ter os jogadores na mão e manteve intacta a sua serenidade e a boa disposição que caracterizam as suas arbitragens.

Nas Salésias, o Atlético derrotou o Belenenses. Ambos os grupos não construíram futebol de cotação, tendo-se verificado uma série desagradável de jogadas à margem de boa ética desportiva.

Abitrou Fausto dos Santos. Os grupos alinharam:

Benelenses — Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Conceição, Andrade, José Pedro e Rafael.

Atlético — Correia, Baptista, Castro, Franco, José Lopes, Moraes, Oscar, Armindo, Barbosa, Gregório e Marques.

No Lumiar A, a Cuf desforrou-se do Oriental, vencendo por 2-1. A partida teve muita animação, porque ambos os grupos lutaram com denodo e empenho. Como se se tratasse do título... O que só, afinal, os honra. A Cuf soube bater-se, e o seu triunfo é ao menos o justo fecho da sua carreira no Campeonato de Lisboa.

Arbitro — Melo Paiva. Alinhamento dos grupos:

Cuf — Laranjeiro, Gomes, Armindo, Curtinhal, Bernardo, Gastão, Serra, A. Carneiro, Sousa Pereira, Vicente e Réu.

Oriental — Fernando, Abana, Moraes, Isidoro, Custódio, Silva, França, Leitão, Augusto, Vicente e Moura.

Ano IV — II Série — N.º 207
Lisboa, 20 de Novembro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção TAVARES DA SILVA
Proprietária a SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Trav. Cidadão João Gonçalves, 10, 2.º — Telef. 5.046 — LISBOA
Fotocopy gráfica de REGRÁVORA, LIMITADA — LISBOA

Stadium tem sido fiel ao seu programa: servir os seus leitores, dando-lhes a fotografia e o comentário oportunos. Todos os desportos têm merecido a nossa atenção, na medida da sua importância e do seu interesse perante a camada de leitores. Também todos os clubes, indistintamente, aqui são estimados e acarinhados. Não temos cores nem partidos, mas somos fiéis ao nosso lema.

O desejo de bem servir os nossos queridos leitores leva-nos a melhorar, sempre que podemos e as circunstâncias exigem, o aspecto gráfico e literário da Stadium, e ainda a sua reportagem fotográfica.

Damos agora mais um passo. Começaremos a publicar, do próximo número em diante, uma colaboração mais vasta, imprimindo um novo aspecto gráfico a Stadium. Com este melhoramento, aumentam, de forma considerável, as nossas despesas, e a Revista, que tem escassa publicidade e que vive apenas da sua venda e assinaturas, sem subsídios ou auxílio financeiro de quem quer que seja, mais uma vez apela para a compreensão dos seus dedicados leitores a fim de que não vejam no aumento para 2\$50, que somos forçados a fazer, a partir do próximo número, outra coisa que não seja a imperiosa necessidade de viver e sustentar-se, com um orçamento equilibrado. De resto, os melhoramentos introduzidos e a que o público fará, certamente, justiça, justificam inequivocamente o novo custo da Stadium.

remate, proporcionando a Azevedo mais algumas defesas com a sua inconfundível rubrica.

Quando o empate parecia ser o resultado definitivo, o Sporting deu o golpe de teatro. Um remate de Albano, seguido de outro, também mortal, de Peyroteo, decidiram sem apelação o pleito.

O Sporting produziu excelente trabalho: equipa de ciência de jogo e de boa condição física. Sa-

Barrosa, na feição de defesa, a que melhor se coaduna com as suas faculdades, transformou-se num elemento precioso. Importa aguardar o futuro. Canário construiu muito jogo, passando modeladamente. Veríssimo, quanto a nós, rendeu mais do que a sua média. Com espantosa energia nunca se considerou batido, e ao defender não se esqueceu de atacar.

Jesus Correia talvez mereça a classificação de elemento mais perigoso: jogada sóbria, mas invulgarmente rápida, e uma bola que merecia ser inscrita nos Tratados de técnica. Vasques, um dominador da bola, cumpriu a sua tarefa. Peyroteo, talvez com menos mobilidade, foi a ameaça de sempre; o seu alinhamento fortaleceu a equipa. Travassos evoluiu no campo, com donaire, e sabendo o que fazia. Albano, mais

Condições de assinatura

a começar em 27 de Novembro

Custo por número . . .	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » » »	65\$00
12 » » »	130\$00

O ESTORIL

conquistou o campeonato da II DIVISÃO



Um aspecto do Casa-Pia Estoril da Segunda Divisão. O ataque impetuoso de um avançado do Estoril. Mas o guarda-redes está protegido!



O guarda-redes caspiano executa uma defesa por alto, no jogo contra o Estoril



O grupo de honra do Estoril Praia, Campeão de Lisboa da Segunda Divisão, após ter-se comportado com valia técnica



A equipa da Reserva do Belenenses, campeão da sua categoria, depois de ter demonstrado superioridade sobre todos os concorrentes

A vitória do ATLETICO nas SALESIAS



Uma fase do Belenenses-Atlético, que este último clube venceu, em arrancos de energia

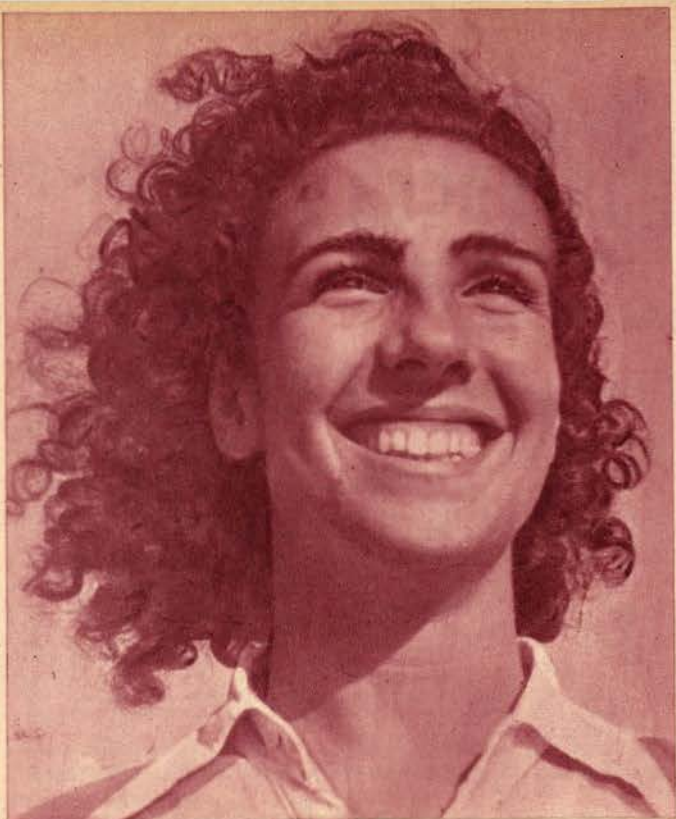


Realizou-se na semana finda a inauguração de um magnífico parque de jogos no Instituto Superior Técnico. Foi uma bela festa! Publicamos um aspecto do encontro do basket e um salto de plinto

UMA FESTA de desporto no I.S. TÉCNICO



Correia, no seu estilo, ágil e acrobata, ao defender uma bola por alto



OLGA RIBEIRO (do Sporting)

Uma rapariga que cultiva o atletismo, nada perdendo da encantadora graça feminina



LUCINDA SIMÕES (do Belenenses)

Uma das mais valorosas atletas do Belenenses, que é ao mesmo tempo uma fresca e graciosa rapariga

A MULHER PORTUGUESA no desporto

UM jornal espanhol, a «Marca», publicou, recentemente, duas notícias acerca da «proeza» de uma ciclista francesa, M.^{me} Helene Friedrich, que percorreu, no Velódromo Vigorelli, de Milão, 37,380 quilómetros em uma hora!

Para uma mulher é, realmente, espantoso. Mas, deixem-me dizer, inadmissível. O ciclismo deve ser praticado pelas autênticas mulheres — esta Helene Friedrich parece... um homem!... — como passeio. Compreende-se lá uma mulher, uma rapariga, a pedalar com a fúria de um homem à conquista de um prémio!...

O ciclismo é, para as graciosas representantes, do «sexo fraco» — que ironia em relação a esta francesa masculinizada! — um exercício magnífico, ideal, recomendado por médicos e higienistas. Simplesmente, repito, em passeio. Recordo-me que há anos, que traduzi um interessante artigo sobre ciclismo. Tinha por título: «Uma manhã em bicicleta é uma semana de saúde». O autor recomendava às mulheres a prática do ciclismo. Mas nunca como o faz aquela francesa...

Felizmente, em Portugal, não se toparam com estes exageros. As nossas mulheres, sempre tão femininas, limitam-se sempre ao ciclo-turismo.

Sou pelo desporto feminino. Mas com «conta, peso e medida»... Tudo na vida tem limites. Não compreendo que uma rapariga a lançar o martelo, a correr os 5.000 metros ou a jogar rugby ou o futebol! Mas compreendo-a a jogar o basquetebol, o tennis, o tennis de mesa, o golf, o voleibol, o andebol, a patinar a fazer natação e algum atletismo...

Repito: no nosso país não se têm cometido exageros. Os exageros que o próprio Pierre du Coubertin condenava.

No entanto, nota-se um decréscimo de interesse das raparigas portuguesas pelo desporto. Já não há «teams» de basquetebol, só poucas as nadadoras, o próprio atletismo está limitado a dois clubes, o Sporting e o Belenenses...

Porquê? Não sei. Nem é agora o momento asado para analisar o facto. Registemos, apenas, lembrando, o que se faz em Espanha. Aqui, a Frente da Juventude, mantem, cada vez, com mais

interesse e maior número de praticantes, competições de vários desportos: atletismo, natação, andebol, volei, basquetebol...

A natação e o tennis devem ter sido os primeiros desportos que as mulheres portuguesas praticaram. Recordo as nadadoras Estela de Carvalho, Margarida Pala, Elfried Mosis — precursora, de Maria Gouirinho, Silvina Vieira Alves, Idalina de Oliveira, Maria Ester, Maria de Lourdes Bessone Basto, Maria Vitória, Maria Helena Lopes Mendes... Recordo Angélica Plantier — que tem em Gabriela Cantarino a melhor sucessora...

Outras recordações me acodem ao espirito: as turmas de oquei em campo do Internacional e do Sport Club da Porto, as visitas do Clube de Campo, de Vigo... Já lá vai esse belo tempo — que não voltará...

E o basquetebol? Que é feito dele?

Chegou a haver dez equipas a praticá-lo. E, na minha carreira de organizador, marco com uma pedra branca uma realização a que del todo o entusiasmo, a que foi brilhante, deixem-me dizer: a «Grande Noite do Basquetebol Feminino»!

A imolação simpática entre o Belenenses e o Ateneu Ferroviário deu animação ao basquetebol feminino. Como a rivalidade amena entre o Ateneu Ferroviário e o Feminino deu origem a belas manifestações de desporto...

Volto a recordar: as irmãs Nietos, a ecletica Ilka Seabra, Helena de Sousa Martins, Maria do Carmo, Maria de Lourdes Santos, Maria de Lourdes Rio, Natália Silva, Olga Ribeiro, Maria Ester, Francilina Moita, Georgete Duarte...

Terá morrido o basquetebol feminino?

Até a patinagem decaiu. E, todavia, quantos momentos inolvidáveis se devem às graciosas Maria Helena de Sá, Ivone Torres, Virginia Campos... Agora, só de quando aparece uma Quina Baptista, uma Maria Helena Simões, uma Edite Cruz, uma Tila Pedrosa... Mas há falta de continuidade.

O tennis de mesa já não conhece o mesmo fulgor de há anos, quando o Benfica e o Sporting tardavam em deminuir a sua superioridade e havia o Ateneu Commercial, o Ateneu Ferroviário, o Ginásio Feminino... [Não faltavam concorrentes:

Maria Guilhermina, Natália Reis, Maria Ester, Margarida Salazar Carreira, Albertina de Figueiredo, Enita Correia, Maria do Carmo, Branca Nieto...

Volvidos alguns anos é difícil reunir seis concorrentes!

É ainda o atletismo que mantem a melhor actividade. Mas já não há o mesmo entusiasmo de há anos. A vinda ao nosso país de algumas raparigas espanholas — com Margarida Moles em evidência — trazidas pelo nosso antigo colega «Os Sports» foi a semente de onde brota o atletismo português.

Chegámos a ter um bom punhado de atletas: Helena de Sousa Martins, Ilda Dias Leite, as irmãs Minneman, Ercilia Carrelhas, Margarida Salazar Carreira Lucilla Silva, Suzana Sander... mais tarde, mas ainda recentemente, as irmãs Ramos, Olga Ribeiro, Maria Ester, Almerinda Correia...

No momento actual Hedi de Sá é o grande nome do atletismo português. Depois as irmãs Dalis e Natalia Cunha, Georgete Duarte, Ivone Martins...

De, modo geral, porem, o desporto feminino perdeu balanço. A comprová-lo está o desaparecimento dos dois clubes do Porto, Feminino e Feminina, a actividade quase nula do Ginásio Feminino, o abandono do Ateneu Ferroviário... O Sporting, o Belenenses no atletismo, o Sporting ainda e o Algés e Dafundo, na natação, mantêm o «fogo sagrado»... Mas um fogo lento, sem chamas a crepitar, quase apagado...

Será possível o renascimento do desporto feminino em Portugal?

É difícil muito difícil... Ninguém se dispõe a soprar a fogueira...

Entendamos-nos, porem. Sou pelo desporto feminino — mas, volto a dizê-lo, com «conta peso e medida»...

E enquanto não se opera a reviravolta, salientemos que na ginástica a actividade feminina é magnífica. Antes assim. A ginástica só pode fazer bem às graciosas raparigas portuguesas. Da-lhes mais gentileza, mais beleza, mais desembaraço, maior à-vontade...

MANUEL MOTA

Plano para a próxima época

E' indispensável começar mais cedo e acabar mais tarde

A temporada activa do atletismo em pista, durante, como sucedeu em 1946, três meses apenas, seria já em tempo absoluto demasiado curta para as necessidades de adiestramento e progresso dos praticantes; mas aprofundando a realidade dos factos, a situação foi ainda pior, porque a primeira fase da época, o mês de Junho, se destinou apenas às competições entre atletas das categorias novas.

Os seniores, sobre os quais pesa em exclusivo a responsabilidade de representação interna e externa do atletismo português, tiveram, por tanto, nove oportunidades de competir, o que é poquíssimo, menos do que o mínimo aceitável.

Recordemos que em 1945, graças à iniciativa dos clubes que associaram as provas atléticas aos festivais ciclistas no Estádio do Lamiar, a forma dos corredores atingia a paragem involgar e numerosos foram os recordes batidos, sobretudo aqueles — cuja profundidade de valor é bem mais apreciável — das corridas de estafetas.

Previendo, portanto, com a necessária antecedência, a satisfação às exigências e ambições do atletismo nacional, a Federação tem o dever de traçar desde já o seu programa para a próxima época, tendo em vista, em relação à actividade dos seus atletas de categoria superior: 1.º que comece mais cedo; 2.º que acabe mais tarde.

A única forma de antecipar o início de trabalho dos seniores é incluir nas jornadas dos campeonatos de principiantes e juniores provas que lhes sejam destinadas. Assim se tem procurado fazer, muito acertadamente, mas sem êxito, porque os atletas e os clubes não se interessam por elas. Temos, portanto, que encontrar um processo para vencer este desinteresse.

Poder-se-ia, por exemplo, determinar — embora a medida seja um tanto violenta, mas os grandes males justificam os grandes remédios — que nenhum atleta poderia participar nos campeonatos regionais se não tivesse, em jornada precedente, participado pelo menos numa competição.

Poder-se-ia, também, criar prémios interessantes para os atletas que nos tais provas pré-campeonatos alcançassem resultados melhor cotados na tabela finlandesa.

Poder-se-ia, finalmente, organizar um programa de conjunto para seniores, a espalhar pelas jornadas oficiais dos principiantes e juniores, atribuindo-lhe uma pontuação para classificar as equipas concorrentes, e insti-

tuando um troféu para o clube vencedor.

E muitos outros recursos poderiam, evidentemente, ser aproveitados. E' questão de imaginação dos dirigentes.

O segundo objectivo do plano, a prolongação da época, só pode ser solucionado com a organização de maior número de concursos; os clubes poderiam colaborar eficazmente neste sentido, promovendo torneios de sua iniciativa, mas a Federação precisa de dar o exemplo, acrescentando ao seu calendário novas competições de carácter oficial, provado como está que são elas as únicas que incondicionalmente atraem clubes e atletas.

Magnífico ensejo para ressus-

citar, com carácter nacional, a ideia do campeonato inter-clubes, uma vez organizado há anos com grande êxito pela Associação de Lisboa.

A prova, em linhas gerais, ocuparia dois domingos: o primeiro para as eliminatórias regionais, o segundo para a final entre os campeões de Lisboa e do Porto.

Quanto a programa, para o qual se podem admitir numerosas sugestões, vemos, como elementos fundamentais, os seguintes:

a) — presença de dois atletas de cada clube nas provas individuais e de uma equipa nas estafetas;

b) — limite do número de in-

tervenções de cada atleta a duas corridas (individuais ou estafetas) e um concurso, ou dois concursos e uma corrida;

c) — classificação por pontos da tabela finlandesa (nas estafetas, atribuindo a pontuação relativa à média realizada);

d) — inclusão de uma estafeta para principiantes e outra para juniores; a estafeta dos seniores seria com vantagem de distâncias variadas: olimpica ou sueca.

e) — inclusão de uma corrida de cada classe de distâncias, fagindo às distâncias clássicas. Por exemplo: 60 m., 300 m., 500 m., 1.000 m., 3.000 metros e, na dificuldade de encontrar variante para a corrida de fardo longo, 10.000 m. (ou talvez 5 milhas).

A corrida de barreiras poderia ser a de 200 metros, seguindo assim o mesmo critério precedente:

f) — inclusão, para não alongar demasiado o programa, de três saltos e três lançamentos apenas, eliminado o martelo e o triplo.

Este torneio, que se seguiria aos nacionais, ocuparia os dois primeiros domingos de Agosto, reservando-se a quinzena seguinte e o mês de Setembro para

(Continua na página 15)

Comentarios

O mesmo de sempre

HA histórias que invariavelmente se repelem, os acontecimentos tomam determinada orientação; assim, podemos contar como certo que, cada vez que uma qualquer equipa espanhola se desloca a Portugal e sofre reverses, surge no diário «Marca» um artigo em forma de entrevista, no qual o dirigente acompanhante explica a derrota com mil subterfúgios variados, arvora os seus pupilos em vítimas do destino e dos homens, mas nunca confessa a superioridade técnica dos adversários portugueses.

Ignoramos se os leitores espanhóis estão suficientemente saturados de nacionalismo desportivo — ou de inocência benévola — para acreditarem sistematicamente em semelhantes explicações; estamos, porém, certos, de que não convencem nem agradam aos portugueses, que se consideram merecedores de mais justa apreciação, eles que tiram em prestar homenagem ao mérito dos seus camaradas e vizinhos peninsulares, quando as circunstâncias se apresentam em sentido inverso.

Sobre a recente visita do grupo basquetista madrileno ao Porto, não faltaram as habituais recriminações e lamúrias, assacando ao público e aos árbitros as piores responsabilidades; omitindo, claro está, o que no procedimento desses visitantes houve de censurável e impróprio de desportistas.

Bem procederia a Federação nacional respectiva ordenando inquérito rigoroso aos factos e

levando depois as respectivas conclusões, para todos os efeitos competentes, junto da Comissão Permanente de Intercâmbio Desportivo Luso-Espanhol.

Campeonatos do Mundo

DEPOIS do hoquei em palmas, a esgrima. No congresso celebrado em Bruxelas, há pouco mais de uma semana, foi concedida a Portugal, para o ano próximo, a organização dos campeonatos mundiais das três armas.

E, assim, a segunda competição de carácter mundial que fica incluída no programa das grandes festas comemorativas do centenário da cristianização portuguesa de Lisboa.

O facto deve a todos orgulhar-nos, pois traduz expressivamente o elevado conceito em que hoje é tido no estrangeiro o nosso país, ao ponto de sobre ele se acumularem as maiores distinções e sucessivas provas de apreço.

Regozija-nos em especial o facto porque o desporto se associa assim eficientemente à obra construtiva do prestígio nacional, correspondendo por completo às responsabilidades acarretadas pelo interesse, fiscalização e apoio do Estado, os quais, embora não satisfaçam ainda todas as necessidades — e tantas elas são — apresentam sem dúvida um factor positivo de orientação e progresso, a par da garantia de fuluras e crescentes regalias.

Trazem-nos, contudo, também, estas importantes organizações confiadas a Portugal a obrigação

moral de acautelar ao máximo as possibilidades da representação portuguesa, tanto mais quanto se trata de modalidades desportivas em que adquirimos sólidas tradições.

Pesada tarefa para os dirigentes.

Excessos condenáveis

A Federação Portuguesa de Futebol, num dos seus últimos comunicados, transcreve uma nota emanada da Direcção Geral dos Desportos, na qual se verbera com absoluta propriedade o procedimento das massas associativas clubistas quando, por vezes, ao presenciarem jogos dos seus favoritos, exteriorizam a sua paixão por forma desproporcionada e menos própria, apupando adversários e censurando em ruidosos protestos, sem discernimento, todas as decisões do árbitro contrárias aos seus desejos partidários.

Vem no momento oportuno esta intervenção superior, de simples carácter preventivo, para chamar a atenção dos nossos públicos para a necessidade de uma compostura disciplinada, que em nada afecta os seus legítimos direitos de livre expansão, de aplauso e incitamento.

E costume dizer-se que os bons árbitros fazem os bons jogos, mas não é menos verdade afirmar que as manifestações exemplares ou desvirtuadas do público, perturbam os melhores árbitros e depreciam os melhores ambientes desportivos.

O espírito desportivo, com a correspondente noção de direitos e deveres, não deve ser, numa competição, apanágio exclusivo dos participantes; deseja-se, igualmente, nos milhares de pessoas que se consideram também desportistas e abraçam, no cerco do seu entusiasmo apaixonado, o retângulo de jogo.

Calendário de jogos da 1.ª Divisão

REALIZOU-SE na semana passada, na sede federativa, o Sorteio dos jogos para o Campeonato Nacional da Primeira Divisão. O acto teve solenidade. Os dirigentes dos Clubes aproveitaram a oportunidade para trocarem impressões, mas sem carácter oficial. A prova começa no próximo dia 24.

O calendário dos encontros é o seguinte:

1.ª dia: Atlético-Belenenses; Famacião-Sporting; Sanjoanense-Académica de Coimbra; Olhanense-S. L. Elvas; Vitória de Guimarães-Vitória, de Setúbal; Estoril Praia-Boavista, F. C. do Porto-Benfica.

2.ª dia: Belenenses-F. C. do Porto; Sporting-Atlético; Académica-Famacião; S. L. Elvas-Sanjoanense; V. de Setúbal-Olhanense; Boavista-V. de Guimarães; Benfica-Estoril Praia.

3.ª dia: Belenenses-Sporting; Atlético-Académica; Famacião-S. L. Elvas; Sanjoanense-V. de Setúbal; Olhanense-Boavista; V. de Guimarães-Benfica; F. C. do Porto-Estoril Praia.

4.ª dia: Sporting-F. C. do Porto; Académica-Belenenses; S. L. Elvas-Atlético; V. de Setúbal-Famacião; Boavista-Sanjoanense; Benfica-Olhanense; Estoril Praia-V. de Guimarães.

5.ª dia: Sporting-Académica; Belenenses-S. L. Elvas; Atlético-V. de Setúbal; Famacião-Boavista; Sanjoanense-Benfica; Olhanense-Estoril Praia; F. C. do Porto-V. de Guimarães.

6.ª dia: Académica-F. C. do Porto; S. L. Elvas-Sporting; V. de Setúbal-Belenenses; Boavista-Atlético; Benfica-Famacião; Estoril Praia-Sanjoanense; V. de Guimarães-Olhanense.

7.ª dia: Académica-S. L. Elvas; Sporting-V. de Setúbal; Belenenses-Boavista; Atlético-Benfica; Famacião-Estoril Praia; Sanjoanense-V. de Guimarães; F. C. do Porto-Olhanense.

8.ª dia: S. L. Elvas-F. C. do Porto; V. de Setúbal-Académica; Boavista-Sporting; Benfica-Belenenses; Estoril Praia-Atlético; V. de Guimarães-Famacião; Olhanense-Sanjoanense.

9.ª dia: S. L. Elvas-V. de Setúbal; Académica-Boavista; Sporting-Benfica; Belenenses-Estoril Praia; Atlético-V. de Guimarães; Famacião-Olhanense; F. C. do Porto-Sanjoanense.

10.ª dia: V. de Setúbal-F. C. do Porto; Boavista-S. L. Elvas; Benfica-Académica; Estoril Praia-Sporting; V. de Guimarães-Belenenses; Olhanense-Atlético; Sanjoanense-Famacião.

11.ª dia: V. de Setúbal-Boavista; S. L. Elvas-Benfica; Académica-Estoril Praia; Sporting-V. de Guimarães; Belenenses-Olhanense; Atlético-Sanjoanense; F. C. do Porto-Famacião.

12.ª dia: F. C. do Porto-Boavista; Benfica-V. de Setúbal; Estoril Praia-S. L. Elvas; V. de Guimarães-Académica; Olhanense-Sporting; Sanjoanense-Belenenses; Famacião-Atlético.

13.ª dia: Boavista-Benfica; V. de Setúbal-Estoril Praia; S. L.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Sobre a arbitragem não se tem feito nada!

TODOS reconhecemos que a arbitragem portuguesa está doente. De todos os sectores se levantam clamores, e a crítica não se limita a verberar o que se passa, mas, na sua função construtiva, lança sugestões — procurando o remédio para o mal que, jornada a jornada, vem acentuando-se.

A principal acuseção que se faz à arbitragem (ninguém lança para a rua quaisquer amoralidades dos juizes de campo, que, na verdade, não existem!) é a diversidade de critérios adoptada pelos homens do epíto. Enquanto que uns punem severamente o *jogo duro*, permissivo, aliás, pelas Regras, outros deixam que os desafios decorram em roda-viva de lutas e violências, enfastiando até a própria assistência. Ao passo que certos juizes consentem as reclamações mais inverosímeis por parte dos jogadores, outros determinam castigos, e com expulsão, os comentários mais brancos às suas decisões. Arbitros há que não participam, devidamente, nos boletins, as ocorrências em campo, fazendo *vista grossa* sobre o que ali aconteceu, em contraste com outros que, não tendo punido no decorrer da partida, participam tudo, mesmo coisas insignificantes ou mesmo o inexistente.

No domínio técnico, continuam igualmente a verificar-se enormes aberrações. Encontrando-se dividida, como realmente se encontra, a função do arbitragem por três indivíduos, em regime de equipa, o juiz de campo entende muito mais cómodo não dilatar a sentença sobre o que se passa na sua vista, sem inquirir dos auxiliares, a *quilómetros* de distância, o que deve fazer...

Enfim — é o caos! Semelhante falta de uniformidade representa o grande mal a que se tem de por cobro, lembrando-nos todos que, se agora acabarem os torneios distritais, vão começar campeonatos ainda mais difíceis e renhidos, e mais sujeitos à paixão e inflamações. Também que a *lei da injustiça* não poderá, em caso algum, provocar uma atitude disciplinada das assistências, já de si ordinariamente exaltadas. Antes o tumulto.

Em devido tempo, lembrámos às Comissões Distritais, especialmente à de Lisboa, mais em foco, a vantagem que haveria em promover palestras semanais — visando a uniformidade de arbitragem. As nossas palavras caíram no vácuo, porque esse Organismo não tem a composição homogénea que deveria. A arbitragem portuguesa ficará dentro de escassos dias na plena posse da Comissão Central, e parece-nos novamente ser esta a altura de promover as referidas reuniões de uniformidade, dando-se instruções detalhadas aos juizes de campo e às respectivas equipas. Isto será ainda pouco... Sempre é um pouco mais do que o que se está a fazer. Porque não se tem feito nada!

CORRE QUE...

♦♦ Muitos clubes queixam-se da maneira como foram decididas as transferências, e a verdade é que foi aplicado o mesmo critério a todos os casos.

♦♦ As coisas do futebol, em Setúbal, não estão a correr bem, e mais dia menos dia teremos uma Comissão Administrativa na respectiva Associação.

♦♦ Cândido de Oliveira voltará a orientar muito brevemente as equipas do Sporting Clube de Portugal.

Elvas-V. de Guimarães; Académica-Olhanense; Sporting-Sanjoanense; Belenenses-Famacião; Atlético-F. C. do Porto.

Os jogos da primeira volta efectuam-se no campo do clube indicado em primeiro lugar, e os da segunda, como é costume, no campo do adversário.

♦♦ A Associação de Aveiro ainda não deu começo ao Campeonato da Promoção, com manifesto prejuizo de vários clubes.

♦♦ Muitos clubes contam com jogadores que dispõem de «carta de desobrigação», mas não os podem utilizar, em virtude do respectivo pedido de transferência não ter dado entrada na Federação até 25 de Setembro último.

♦♦ A selecção lisboeta fará um curto estágio, provavelmente em Venda do Pinheiro.

♦♦ Na última semana, a coisa mais difícil deste mundo era... conseguir um bilhete para o Benfica-Sporting.

♦♦ Joaquim Bogalho deixou de exercer o cargo de chefe e orientador das equipas do Benfica, por se ter molestado com um reparo feito pela Direcção do clube.

CONTA-GOTAS

O «Boletim do Sporting», acusando uma orientação mais viva e publicando artigos muito curiosos, insere na íntegra a exposição que o clube entregou na Direcção Geral sobre a arbitragem de Belenenses-Sporting.

Esse documento é lavado — mas violento. Sobre o mesmo assunto mandou a A. F. L. organizar um inquérito, cujas conclusões não conhecemos até ao momento em que escrevemos estas palavras. De qualquer forma, o caso merece ser esclarecido amplamente — para que a dúvida não fique a pairar na arbitragem portuguesa.

Francisco Ferreira, o grande internacional, e Mário da Conceição, dedicado sócio do Benfica, inauguraram, na rua das Gáveas, um restaurante-bar, de tipo mexicano, que é um encanto de arte e bom gosto.

A inauguração excede todas as expectativas. Nico Ferreira, que, além de jogador de garra, é um homem de trabalho às direitas, teve oportunidade de verificar como é estimado e como são numerosos os seus amigos.

Aos simpáticos rapazes desejamos o maior dos êxitos: a sua casa será, por certo, a preferida por todos os desportistas. Eis uma grande vitória de Francisco Ferreira!

O Sporting, tendo em vista as obras do seu Campo Atlético lança agora o seguinte grito:

«Somos 12:500. Bastaria que cada sócio contribuisse com cem escudos, para a verba atingir 1:250 contos».

Ainda há pouco, na capital de Espanha, os sócios e simpatizantes do Real Madrid deram um alto exemplo de amor ao seu clube. Irá passar-se o mesmo em Lisboa? — Tudo indica que sim...

Quando o Belenenses acabou de disputar o seu desafio de reservas contra o Sporting, saindo praticamente campeão do campo, os leões viveram uma altitude que não está na suas tradições clubistas: em vez de aplaudirem — mostraram o seu desagrado.

Incompreensível! Se há, na verdade, equipa que tenha ganho uma competição com brilho, é, precisamente, a reserva do Belenenses. O Sporting, certamente, não deixará de demonstrar aos azuis, em tempo oportuno, que está contente com o seu triunfo. Que está sempre contente quando vence o melhor!



O ataque do Sporting desenvolveu-se com rigor e energia. Veja-se a atenção com que Peyroteo segue a bola! Mas a linha média do Benfica trabalhou também com denodo: Moreira parece aguardar a bola. Em volta encontram-se vários elementos interessados no pleito



Verissimo, improvisado guarda-redes, na ausência de Azevedo, defende com certo custo! Victor Baptista ataca com viva energia, enquanto que Francisco Ferreira, também ao ataque, se apóia em Barrosa — para saltar mais alto!



Houve uma fase, quando Verissimo estava nas redes, em que Francisco Ferreira se lançou abertamente na brecha. Ei-lo, disputando a bola ao improvisado guardaredes! Os defesas leoninos e dianteiros benfiquenses estão em movimento!

SPORTING

conquistou o título de
CAMPEÃO de LISBOA
numa partida brilhante e dramática



Espírito Santo, num dos seus característicos saltos — elevando-se no espaço. Manuel Marques luta!



Eis um belo documento do Benfica-Sporting disputado no Campo Grande! Todos os jogadores estão em movimento, o que significa não se terem poupado a esforços nem a sacrifícios. A partida decorreu com invulgar animação e velocidade diabólica. Todos estão interessados na jogada, e neste rancho de nove unidades, seis são do Sporting. A fotografia tem vida!



Uma defesa, de mergulho, de Pinto Machado. Os jogadores do Benfica acorreram, pressurosos, para o que desse e vlesse...



No final do encontro, exaustos, mas contentes, os jogadores campeões fazem uma volta ao campo, levando em triunfo aquele que tem o maior quinhão na vitória, João Azevedo!

EM COIMBRA

O Campeonato da A. F. C.

Acabou o campeonato regional. A Académica vai para o Nacional da Primeira Divisão com uma equipa que no Regional não se encontrou completamente. Mas no decurso da nova prova terá outras e muito melhores condições para se «achar». O período das experiências não deve ter terminado...

No Nacional, decerto que outras pode tentar — umas para continuar, outras para lhe por termo.

A Académica possui muitos e bons reservas. E' nisto que está, presentemente, a grande virtude da equipa.

O União entregar-se-á de novo e entusiasticamente à tarefa de alcançar na Segunda Divisão o lugar que lhe permita realizar o seu grande sonho: o ingresso na Divisão principal. Está tão bem ou melhor encaminhado do que a época passada.

A Naval não confirmou progresso técnico revelado no início do regional, mas não deixou de evidenciar magníficas possibilidades.

O Sport, por enquanto, sem «ases», mas formado por onze rapazes habilidosos, não foi mais longe devido um pouco à juventude e à inexperiência. Nem uma coisa nem outra, em futebol, são defeitos, evidentemente... Pelo contrário.

O Anadia não nos pareceu melhor do que o Lusitânia. Não deixou, porém, de afirmar possibilidades. A equipa carece de boa preparação técnica.

O Lusitânia terá de defender a permanência na Divisão de Honra — defrontando o Marialvas, que nos dizem ser a melhor equipa que nas últimas épocas tem aparecido na Segunda Divisão.

Os dois jogos proporcionalarão luta renhida. Acreditamos no valor do Marialvas. E sabemos que o Lusitânia vale um pouco mais do que a sua classificação deixou antever. Os encontros de passagem indicarão se assim é ou não...

Jogadores em evidência

Quais os jogadores que mais se evidenciaram nas 10 jornadas da prova?

O leitor formula esta pergunta de si para si — mas gosta que lhe respondam. Quanto mais não seja — para discutir as respostas...

Começamos pelo princípio. Nas equipas de futebol principia-se pelos guarda-redes...

O melhor guarda-redes foi o da Naval — Soares, jogador que se transferiu da Associação Académica...

Quanto a defesas, a questão é um pouco mais complicada. Mário Reis jogou muito bem contra o União, na 1.ª volta — a defesa. Mas não foi um médio-centro recuado. E este caso é deveras importante. Velha, do União, esteve também muito bem no mesmo jogo — sem ser também um médio-centro...

Raimundo, do Lusitânia, fez jogos bons e jogos maus. Dos defesas laterais — Carvalho, dos «azuis», talvez tenha sido o de mais profunda consciência técnica. No desafio Académica-Sport, da 1.ª Volta, agradou-nos completa-

mente a actuação de Adriano, do Sport — que joga habitualmente a avançado-centro, embora este não seja o seu lugar...

Quanto a médios de ataque — Lomba, Euardo Santos e uma vez Branco ficaram a considerável distância dos outros. Mas há a referir a utilidade de Alvarc, do Sport, a habilidade de Baptista, do mesmo clube, a carreira ascensional de Pratas, do Anadia — sem esquecer o trabalho de Miranda e França, do União, e de Lavadim, da Naval.

Extremos-direitos: Angelo (U.), Micael (Acad.)

Interiores: Leite (Acad.), Ermiteiro, Jesus (U.), Sepulveda (N.), Rendilho (L.)

Avançado-centro: Nenhum!

Extremo-esquerdo: Bentes (Acad.) e depois, a distância, Noronha (U.)

A análise foi forçosamente rápida e breve. Mas poucos jogadores esta brevidade terá sacrificado...

O América

Basquetebol. Dez jogadores, lestos como gamos, num campo que percorrem em três segundos. Mais cinco jogadores de cada lado para substituir um, por cada vez, os cinco que alinharam primeiro ou todos ao mesmo tempo, por isto ou por aquilo, mas principalmente por qualquer deles se ter desintegrado do ritmo veloz do jogo.

Basquete, em suma, é corrida, rapidez, velocidade e destreza.

Pois o América, campeão madrileno da especialidade, decepcionou o público. O América pratica, na realidade, um basquete surpreendentemente lento. No entanto, não desiludiu por completo os técnicos.

No final do encontro com o campeão de Coimbra, Arlindo Mariano, antigo jogador do Sport e da selecção local, que continua a interessar-se profundamente pelo basquete, falava-nos com admiração de vários pormenores exibidos pelos espanhóis: a maneira perfeita e correcta como recebem e passam a bola, o sentido de desmarcação, etc.

Realmente era assim. Não se viu deixar cair a nenhum dos espanhóis a bola arremessada de longe ou de perto. Pareciam ter mãos de ferro. Não se viu um só passe que não fosse dirigido para o ponto exacto, como raríssimas foram as intercepções desses passes.

Simplemente, tudo isto era feito com incrível lentidão.

Dir-se-ia não se tratar duma equipa latina. E foi este o motivo da decepção dos espectadores.

Arlindo Mariano tinha razão. Mas o espectador também a teve...

Os jogadores madrilenos que mais impressionaram foram o «internacional» Alonso e o pequeno extremo-esquerdo. Aquele — impressionou os técnicos. Este — o público.

Tal como no jogo da «Raf», Matthews impressionou os primeiros e o exuberante Smith impressionou a assistência.

Se bem que os basquetistas madrilenos não tivessem a classe dos futebolistas britânicos...

Adriano Peixoto

ANDEBOL

NO INTERVALO

entre duas provas

TERMINOU há oito dias, com um encontro de grande expectativa, a primeira competição oficial da temporada lisboeta e — depois do descanso pouco explicable de domingo passado — val começar domingo próximo novo torneio preparatório do campeonato, para disputa do importante troféu que o dr. Pedro Teófilo Pereira, grande amigo da modalidade, conquistado pelo briloso comportamento e estilo apuro dos jogadores lisboenses no fagmigerado encontro de Madrid, ofereceu por Intermediário do Inspector dos Desportos, dr. Salazar Carreira, para prémio de uma competição entre os clubes da capital, conforme noticiámos a devido tempo, no nosso número de 12 de Dezembro do ano findo.

A pausa entre os dois períodos de actividade vai servir-nos para algumas reflexões.

A primeira será lamentar a ausência nas duas provas do grupo da «Cuf», campeão de Lisboa e, ainda, a decisão dos dirigentes benfiquistas, que afastou a valorosa equipa do popular clube da próxima competição, que, mais não fosse do que pela personalidade do seu patrono, desportista que dignifica o desporto nacional, que tanto vez, durante os largos anos em que ocupou com nobilitante prestígio a nossa embaixada em Madrid, provou o seu interesse pelas nossas representações desportivas, demonstrou a sua calvinente estima por quantos dela foram investidos e da incumbência se desempenharam com a dignidade e o brilo que são timbre lusitano.

Felizmente, todos os restantes clubes praticantes se inscreveram no torneio, assegurando largamente o seu êxito; a primeira jornada comportará quatro encontros, disputados a eliminar, e nos quais se defrontam, por ordem de provável interesse, Sporting e «Os Treze», Almada e Internacional, Belenenses

e Piedade, Oriental e Glória; os dois primeiros afiguram-se nos relativamente equilibrados, os dois últimos francamente deseres no valor dos adversários.

O problema das arbitragens, outro assunto a comentar, e que ainda no encontro Benfica-Sporting serviu para exagerados ressentimentos (porque será que custa tanto reconhecer o merecimento de uma derrota?), mantém-se em plano de actualidade.

A Comissão Central de Árbitros tem estudado os pontos regulamentares que, até agora, têm servido de base a todas as divergências de interpretação, entre eles e principalmente a regra da aplicação de grande penalidade; redigiu, no sentido do seu esclarecimento, um comunicado determinando as condições que justifiquem a aplicação daquele castigo e dando limites mais precisos à redacção um tanto vaga, demasiado amplo, do texto legal.

Concordamos incondicionalmente com a interpretação dada e lei (sempre defendemos o critério de que a grande penalidade apenas deve ser concedida quando a falta comelida impediu, desviou ou atingiu um atacante em posição ou possibilidade de remate, pois de outra forma origina nos atacantes um sistema irregular de delação da bola, à pesca solícita da falta do defensor que origine o castigo máximo).

Esperemos, agora, que a determinação da C. C. A. não fique em vago e irrespeitada medida; impõe-se o seu cumprimento por todos os árbitros de todos os Colégios Regionais, e aqueles que discordarem e a cuja consciência repugnar a nova norma estabelecida resta o caminho de abandonar a sua voluntária e espinhosa missão.

José de Eça



PAL

FAZ UMA BARBA DIFERENTE... PORQUE É UM GÉNERO DIFERENTE DE L-MINA

O GUME É CONCAVO

AGENTE exclusivo em Portugal:

M. SILVA CARVALHO, LIMITADA

Rua dos Correeiros, 174, 3.º — Telefone 3 0674

Stadium

BOXE

Nos Estados- Unidos

EM Elisabeth (Nova Jersey) produziu-se um acontecimento pouco banal durante o combate de boxe travado entre o preto Buster Tyler, pretendente cotado ao título americano dos «semi-médios», e Veru Jack, outra figura de relevo.

No fim do primeiro assalto, Tyler foi levado para o «cantos» desmaiado. O seu cuidador administrou-lhe o oxigénio, reanimando-o a ponto do negro dominar o assalto seguinte e os quatro imediatos. No oitavo, Tyler foi outra vez ao solo, mas o oxigénio fê-lo reviver no intervalo a ponto do árbitro lhe atribuir a vitória.

Vitória um tanto ou quanto oxigenada, como se vê.

Em Barcelona

LUIS DE SANTIAGO, protegido de Inácio Ara, vencedor de Carlos Wilson no Campo Pequeno, e Young Ciclone, outro conhecimento do público lisboeta, jogaram agora em Barcelona.

A luta entre os dois «semi-leves» foi áspera e nivelada até ao sétimo assalto, quando Ciclone abriu um ferimento na arcada supraclavicular esquerda do madrilenho. Este, enfurecido, rompeu com grande violência a ofensiva e dominou claramente o oitavo período, arrancando a decisão por pontos.

Em Madrid

NA capital espanhola realizou-se um desafio entre os «pesos-médios» Gascon e Polo, ambos fortes socadores. O primeiro venceu ao 3.º assalto, por abandono do viscaíno, que visitara a lona uma dúzia de vezes antes de desistir.

O melhor combate da sessão disputaram-no Martos e Fenoy. Após duelo brioso e cheio de vigor, Martos conquistou justa vitória pontual, que o público sublinhou com aplausos.

Em Valência

LACER, que os lisboetas já viram combater no Parque Mayer, derrotando Augusto de Sousa e igualando-se a Figueiredo 2.º, conquistou há dias o título de campeão de Espanha dos «semi-pesados», batendo outra figura nossa conhecida, Fidel Arceñiega, por pontos em 8 assaltos.

Embora com 6,200 kg. de vantagem ponderal, Arceñiega só aplicou dois socos valentes em todo o *match*, derrubando o antagonista em ambas as ocasiões. O público achou a exibição do vascoço bastante dubitativa, abandonando a Praça de Touros a meio do combate.

Um novo campeão de Inglaterra

EM Londres, Vince Hawkins, o ferroviário de Eastleigh, conquistou o campeonato inglês dos «médios», destronando Ernie Roderick, no Albert Hall.

Roderick, muito mais ligeiro e muito mais velho, esgrimiu com arte e inteligência, mas foi domi-

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

OS campeonatos de força, esses torneios em que alguns hercúles lutam, sem beleza nem glória, contra a gravitação terrestre — emulando os eslivadores e os guindastes numa ânsia inútil de supremacia — têm bastantes adeptos e inconvenientes.

O bizarro e insólito acontecimento cujo relato vamos efectuar demonstra particularmente esta asserção.

No dia vigésimo do mês de Outubro celebrou-se em Paris, no Palácio Chailot, o primeiro campeonato mundial de pesos e alteres, do pós-guerra. A vitória coube à equipa americana, composta por seis atletas, ficando a Rússia em segundo posição e o Egipto em terceira. Os vencedores totalizaram onze pontos, mais dois que os soviéticos e cinco que os descendentes dos faraós.

Na noite do encerramento do torneio, concorrentes e delegados dos países inscritos reuniram-se num banquete nocturno, confraternizando entre si. O embaixador russo, por exemplo, felicitou efusivamente o manager da equipa americana, Bob Hoffman, pela bela vitória conseguida pelos seus pupilos.

Todos admiraram imenso a magnífica taça de prata que a Federação Internacional de Pesos e Alleres ofertara aos vencedores como prémio e testemunho do seu triunfo. Os russos não só admiraram o troféu como o cobixaram, resolvendo adquirir outro, idêntico, no outvies que fabricara o primeiro — e autêntico.

Para salisfazer o amor próprio da equipa, mandaram gravar, também, uma inscrição que relata ter sido a Rússia o país vencedor!

O sabor deste acontecimento é tão cómico quanto ridículo. Diz o manager Hoffman que não vê inconveniente algum em haver uma segunda edição da Taça, apócrifa, destinada a enganar os cidadãos russos, que não lêem os jornais dos outros países europeus, mas revolta-se contra o descaramento com que se propala pela rádio a notícia de ter sido a U. R. S. S. a autêntica vencedora do torneio...

«Caramba! (diz o sujeito americano, empregando um termo mais adequado e mais violento...) Se, até, um jornal de Chicago publicou a vitória dos russos, convencido da veracidade da nova!»

Concordemos em que o caso é para arrelhar «stipos de boa-fé». Mas a desgraça tem algumas virtudes e uma delas consiste no conhecimento dos processos e sistemas postos em prática nalguns países, cujo modo de agir está em profundo desacordo com a pureza doutrinar das suas ideias.

R. B.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

AS vitórias do grupo sueco *Nor-rköping* causaram uma reviravolta na opinião dos críticos ingleses sobre o valimento do referido *team*, julgando-o superior aos famosos jogadores do *Dynamo*, de Moscovo.

Stanley Rous, secretário da Associação de Futebol Inglesa, declarou serem os suecos uns praticantes perfeitos do futebol, melhores que os russos. Atendendo aos resultados, tudo indica que assim seja.

No que respeita ao Campeonato da Liga Profissional houve algumas surpresas. O *Derby County* perdeu com *Manchester United*, jogando fora de casa, por 4-1.

A sua posição na Primeira Liga é algo comprometedor. O *Charlton* sofreu nova derrota — e grande — no seu próprio terreno, por 4-1. Os vencedores foram os *Wolves*, alunha que tem o grupo *Wolverhampton Rovers*. *Bolton* empatou com *Blackburn*, sem tentos, bem como o *Aston Villa* com *Stoke City*.

O *leader*, *Blackpool*, perdeu ante *Sheffield* por 4-2, sucedendo outro tanto ao *Arsenal* diante do *Preston N. End* (2-0).

Na Segunda Liga, houve uma surpresa enorme: a derrota do *Barnsby*, o condutor, jogando em sua casa contra o *Plymouth*. À cabeça figuram, agora, o *Newcastle United* (victorioso do *Sheffield*), *Tottenham* (ganhou ao *Bury*) e *Burnley* (empatou com *Luton*), todos com 19 pontos e 14 jogos.

O problema dos salários dos jogadores, que tanto tem dado que falar e quase provocou duas greves sérias, foi parcialmente resolvido. Os salários mínimos sofreram um aumento que vem beneficiar grandemente os jogadores da 3.ª Liga, os mais afectados com a situação vigente.

Em Fevereiro deve efectuar-se uma reunião para discutir os restantes pontos de doutrina que não foram agora consi lerados, esperando-se que a elevação dos salários máximos seja atendida nessa data.

Inglaterra 3-Gales 0

REALIZOU-SE em Manchester este desafio internacional que terminou com uma vitória rotunda dos ingleses, apesar da exibição pouco regular do *team*, exceptuando o trabalho do guarda-redes inglês, *Swist*, que efectuou defesas difíceis.

O grupo galense merecia pelo menos o empate.

"FLECHA"

é a melhor bicicleta

TÊNIS

Um Campeonato de Veteranos

TRES cidades europeias, Londres, Bratislava e Berna, pretendem levar a efeito o torneio de velhas glórias da raquete que a Federação Francesa de Tênis organizará para jogadores com mais de quarenta anos.

Encontram-se já inscritas sete nações em força, perdendo a decisão pontual.

Na mesma velada, Peter Kane, ex-campeão do Mundo dos «mínimos», reapareceu ganhando ao 5.º round por K-O a Norman Lewis.

Vitória de Egisto Peire em Paris

O campeão de Itália dos meios-médios, Egisto Peire, ganhou folgada vitória na Cidade-Luz contra Walter Momber, antigo campeão francês da categoria.

Dez mil espectadores aplaudiram a decisão pontual a favor do transalpino, que é, sem dúvida, um dos melhores pugilistas europeus da actualidade.

nações. A equipa da França será composta por Max Decugis, André Gobert, Henri Cochet, Jean Borotra, Jacques Brugnon e cota-se como favorita.

O Rei da Suécia, Gustavo V, foi convidado a presidir ao torneio, tendo accedido.

A prova deve disputar-se em Março do próximo ano.

ATLETISMO

O último recorde de Nurmi

O último recorde desse fenomenal corredor finlandês que foi Paavo Nurmi, recorde apenas do seu país, acaba de desaparecer da lista nacional.

O campeão da Europa da Maratona, Hietanen, correu agora os 20 quilómetros em 1 hora 4 minutos 26,2 segundos, melhorando o «máximo» de Nurmi, que era de 1 h. 4 m. 33 segundos.

O recorde mundial pertence ao argentino Zabala, em 1 hora 4 minutos 0,2 segundos, desde 24 de Abril de 1936.



Dois jogadores, cada um do seu lado, um da Cuf e outro do Oriental, querem captar a bola. Dá a impressão do cufista, ter vencido!



Por vezes, a bola disputa-se numa confusão de saltos, atitudes e movimentos. Veja-se o esforço que despende o jogador do Oriental!



Um jogador da Cuf, num salto prodigioso, tenta arrebatá-lo o esférico do guarda-redes adversário. Tudo leva a crer ter conseguido o seu intento

TAMBEM A C.U.F. PASSOU em MARVILA



Os atiradores lisboetas na grande prova de tiro organizada pela F. N. A. T., na sua carreira de Belem. Luis Howith (x), o vencedor do campeonato em 1.^{aa} categorias



Os concorrentes de Leiria que, no domingo passado, tomaram parte na prova final do Campeonato Nacional Corporativo de Tiro organizado pela F. N. A. T., com muito interesse



O valoroso team da Casa H. Vaultier que disputa o Campeonato Nacional Corporativo de Futebol, revelando capacidade técnica



A equipa de Setubal que concorreu ao Campeonato Corporativo de Tiro

Provas CORPORATIVAS



O campeonato da A. F. de Coimbra

Em cima, a equipa do União de Coimbra que venceu com brilho o Campeonato regional; Ao lado, uma fase de perigo junto às redes da Académica, no desafio deste clube com o União.



A equipa da 2.ª categoria do Benfica, brilhante vencedora do Campeonato de Lisboa, que fez durante a prova magníficas exibições



Consoiciou-se há dias o conhecido jogador do Atlético, Manuel da Costa. Ei-lo, na companhia de sua gentilíssima esposa. «Stadium» deseja aos nubentes as maiores felicidades



Nuno Madra, como delegado da Associação Portuguesa de Desportos de São Paulo, faz a entrega de um galardão ao sr. dr. Constantino Fernandes: cerimónia simples, mas elevada nos seus objectivos



Um aspecto da Taça de Honra do Sul-1946 de oquei em patins, ganha brilhantemente pelo Paço de Arcos que, na final, venceu o Hockey de Sintra por 7-3

Taça de Honra de OQUEI em PATINS



Tirando a bola do sorteio, na sede da Federação, para o Campeonato Nacional da Primeira Divisão



Os oquistas do Paço de Arcos, como o têm provado várias vezes, são magníficos jogadores: lesto, rápido e virtuoso. Jesus Correia que se vê nesta foto, também se destacou nos patins

ATLETISMO

portuense

○ Académico e o Futebol Clube do Porto, colectividades que desde há muitos anos têm mantido nesta cidade o «fogo sagrado» da modalidade, preparam-se para estabelecer uma vez mais agradável rivalidade, e por certo conseguirão chamar novamente muito público à volta «dos campos» onde é costume assistir-se ao desenrolar das competições.

As equipas alvi-negras foram entregues ao seber do internacional Edger Tamegão, e a dirigir superiormente o F. C. do Porto continuará Arnaldo Borges. São dois nomes sobejamente conhecidos e eslamados, elementos que deram provas de competência como praticantes, o primeiro ainda em actividade valorosa, e o segundo retirado recentemente.

Por aqui, portanto, há a certeza de que teremos, na próxima época, oportunidade para aplaudir e compensar com elogios um esforço que fará continuar a tradição dos dois populares ornamentos do atletismo portuense.

Mas é pouco — como Insuficientes são os campos apropriados. Infelizmente só o Lima pode servir para competições oficiais e paritculares...

○ Sport Clube, que há anos apresentou nas pistas portuguesas nomes de categoria de Sarsfield, António Júlio Dias, Arnaldo Sousa, Luís Retumba, Adolfo Brito, Manuel de Oliveira e tantos outros, campeões da melhor fibra, tem-se desinteressado lamentavelmente. E dos restantes clubes de futebol, «grandes do Porto...», afinal, apenas o Salgueiros nos dá às vezes um ar de sua graça, mas em provas de «junco». O Vilanovense, também «histórico» nos desportos de pista, denuncia-nos a ideia de recomençar com seguro declínio, e de certeza nos aparecerá, pelo menos, nos concursos de principiantes e de juniores, índice de interesse futuro. Já é alguma coisa.

Todavia, continua a ser pouco. Junto do Académico e do F. C. do Porto, louvavelmente, com muita dignidade, apenas têm aparecido os bracarenses e os rapazes de Amerente, dois exemplos dignos de sincero aplauso. Aplauso igual é justo atribuir ao Operário, modesto mas empreendedor. Falta muito clube, muito praticante. Porque? Não é o atletismo modalidade que mereça o cuidado das colectividades grandes e pequenas?

Ainda está por definir o «verdadeiro» clube desportivo. No Porto, infelizmente, não há muitos, se passarmos em revista a maneira como alguns contribuem para o prestígio da causa.

Boas entradas...

Ja é conhecido o resultado do sorteio dos jogos do campeonato nacional de futebol. Na primeira jornada, o F. C. do Porto jogará nesta cidade com o Benfica, e o segundo do Porto (escrevemos antes de domingo) deslocar-se-á para o Estoril.

Quer isto dizer que o público desportivo portuense, saindo finalmente do indolente campeonato regional, vai assistir logo de entrada a um jogo de boa categoria. O Benfica, como sempre tem sucedido, tem no Porto público numeroso a aguardar as suas exibições, e por certo vai acontecer assim uma vez mais.

Segundo é de calcular, o excelente grupo lisboeta mantém vivas as suas qualidades de team voluntarioso e rematador, não admirando portanto que o público encha de ponta a ponta, a deitar por fora, o Estádio do Lima.

Aguarda-se por cá que o F. C. do Porto resista pelo menos o melhor possível. Os azuis e brancos estão longe daquelas épocas em que poderíamos dizer isto de modo bem diferente.

Há certa esperança no seu trabalho, mas é fora de dúvida que o futebol portuense não parece por agora apetrechado para dominar os melhores conjuntos nacionais, e entre eles está o popular Benfica. Bem o desejaríamos. Que, pelo menos, tanto o Porto como o segundo classificado — vamos pelo Boavista! — façam figura da melhor e prestigiem o futebol da sua terra...

REVISTA DA SEMANA

FUTEBOL — Campeão de 1.^{as} categorias — Futebol Clube do Porto. Campeão de Reservas — Futebol Clube do Porto. Campeão de Segundas — Leixões Sport Clube. Conjunto das três categorias — Futebol Clube do Porto.

Classificação geral em 1.^{as} categorias:

F. C. do Porto, 28 pontos, zero derrotas.

Boavista, 24 pontos, 3 derrotas. Académico, 23 pontos, 3 derrotas. Leixões, 16 pontos, 6 derrotas. Salgueiros, 15 pontos, 7 derrotas. Leça, 14 pontos, 8 derrotas.

Principiando por indicar estes elementos, conduzimos imediatamente o leitor para o campo das «realidades». Vemos que o F. C. P. foi nitidamente melhor; que o Boavista volta a estar presente no campeonato nacional; que o Académico se comportou admiravelmente e que o Leça terá de tapar as aspirações do campeão da 2.^a Divisão se quiser ficar de boa companhia...

Na última jornada do campeonato eliminaram-se duas dúvidas: a do «segundo» e do último. Não poderia contar-se muito com a vitória do Leça contra o F. C. do Porto — única possibilidade do grupo de beira-mar vencer a posição do Salgueiros. Mas também se não julgava que o Académico iria ganhar a Matosinhos, onde o F. C. do Porto apenas empatou...

Ao fim e ao cabo, as classificações podem considerar-se certas. O título está onde deveria ficar, e o Boavista é bem o melhor segundo, grupo muito capaz de surpreender qualquer adversário se alterar o seu sistema de toques e mais toques na bola. O Académico, que esteve à beira de uma classificação surpreendente, deve considerar-se satisfeito com a sua actuação no cam-

peonato. Para a próxima época, — se o campeonato regional de disputar — e desde que conserve a boa vontade revelada este ano, pode impor-se ainda mais. Que o clube do Lima tem ainda o campeonato nacional da segunda divisão para demonstrar a sua força...

Do Académico para baixo é grande a distância. O campeonato do Porto dividiu dois grupos: F. C. P., Boavista e Académico, primeiro; Leixões, Salgueiros e Leça, segundo.

No grupo secundário, é notória a quebra de valor. O Leixões, que a princípio parecia disposto a fazer coisas, principalmente na altura em que empatou com o F. C. Porto — cedeu visivelmente na segunda volta, perdendo no seu campo com o Salgueiros e o Académico.

A equipa do Salgueiros, como se sabe, entrou na prova a perder por 18-0. Houve alarme, e os encarnados, ora muito bem ora muito mal, lá conseguiram chegar ao fim da prova em penúltimo lugar. Louve-se a sua boa vontade, infelizmente acompanhada por pouco seguro.

Por último — o Leça. Tal como o Salgueiros — bem e mal. Algumas vitórias (2) de surpreender — especialmente a que obteve contra o Boavista.

Em qualquer dos dois grupos da cauda pôde verificar-se a falta de boas categorias secundárias. Foram últimos em reservas e segundas, como no conjunto das três categorias, prova de que será preciso trabalhar muito, — se os deixar a «importação» alheia...

De lamentar, ainda, a violência de alguns jogadores em certos encontros. Mais uma vez pôde ver-se isso no desajo Salgueiros-Boavista, disputado no domingo em «Augusto Lessa».

DOIS homens se exibiram contra o Académico a grande altura: Barrigana e Araújo. O primeiro é sem dúvida alguma dos melhores guarda-redes que têm passado pelo F. C. do Porto, onde já alinharam homens como Siska, Soares dos Reis, Lino, Bela, etc.

Se Barrigana continuar a trabalhar como até aqui, e se despir de todas as valdades. E se entrar sempre no campo não bem disposto como contra o Académico — temos um guarda-redes!

Quanto a Araújo, a sua exibição foi simplesmente maravilhosa. Um tratado de futebol. Porque não procura Araújo jogar sempre assim? Porque se deixa às vezes enlutar inexplicavelmente?

◆ UM distinto jornalista lisboeta escreveu, há dias, no seu jornal, que o Porto recebera o reforço de Valongo — considerando este facto indicativo de melhoria no campeão nortenho.

Perdão: — Valongo será um suplente de Barrigana. Claro que é bom reforço, mas não com o sentido dado pelo nosso camarada. O guarda-redes litular está de pedra e cal. Todavia, vamos pela opinião de que Valongo veio em boa altura, embora o actual reserva tenha qualidades. Mas os bons guarda-redes nunca são demais. Vejamos o Benfica: — Pinto Machado, Martins, Rosa, Manuel Joaquim...

◆ SURPREENDE o abandono sistémico de 3 jogadores de basquetebol do F. C. do Porto: — Garcia, Romero e Manuel Veiga, rapazes de boa categoria e de boa fibra clubista. Os azuis e brancos estão a «fazer jogo» com jogadores novos, elementos que devem progredir. Mas a ausência dos atletas atrás denunciados é bem lamentável.

De quem é a culpa?

◆ A PESCA DESPORTIVA tem na verdade muitos cultores no capital do Norte. E' por isso justo que lhe façamos uma referência, como pede o sr. Alfredo Amarel — numa carta recentemente publicada na nossa Revista. Sabemos que o F. C. do Porto (não temos culpa de nos aparecer sempre este nome em iniciativas de carácter desportivo) tem igualmente as suas equipas masculina e feminina e que já conseguiu conquistar troféus.

Ainda há pouco o chefe de secção nos falou com entusiasmo dos seus colaboradores e até da sua apropriada equipa — onde não falta, sequer, a camisola flameante e enobrecida pela conquista de taças e medalhas.

A pesca é tão desportiva como o xadrez e o bilhar, e tão saudável como qualquer outra modalidade. A servir de entretenimento — excelente. E os passeios para a Foz, Matosinhos, Leça e Leixões, em boa camaradagem, tentam indiscutivelmente...

Fazemos por isso os melhores votos pelo progresso da pesca desportiva. E contem os seus praticantes com a nossa boa vontade. Sempre.

Panorama geral do desporto britânico

LONDRES — Novembro de 1946 (Especial para «Stadium», por FERNANDO MENDES)

QUANDO abandonei o meu posto de atleta dedicado do Belenenses, há mais de dois anos, quase três, tive a impressão de que em Londres, onde vim fixar-me, apenas os desportos profissionais seriam considerados pelas multidões inglesas.

Claro que no meu cérebro de amador de voleibol, basquetebol e andebol, que pratiquei esporadicamente no «ânico» clube da minha vida, bailavam então aqueles dinheiros de transferências célebres do futebol, como os 1.185.250\$00 do J. Allen do Portsmouth, os 1.155.000\$00 do F. O'Donnell, do Blackpool — ambos para o Aston Villa, os 1.100.000\$00 de Dods e Doherty, o primeiro do Sheffield e o segundo do Blackpool, para o Manchester e para o penúltimo dos clubes que indico. Como gostava das modalidades a que em Portugal chamamos «pobres», vi-me logo impedido de as praticar entusiasmadamente...

Final — enganei-me! E bastante. Cê pratico o basquetebol com a mesma dedicação, amador puro, junto de outros amadores «autênticos». Só há uma diferença. O amador é amador de «facto», e não há dúvidas sobre a carreira de uma para a outra posição.

No nosso país sabe-se que existem modalidades que, embora rotuladas de amadoras, — são praticadas por atletas remunerados por «mao escondida». Em Inglaterra já isso não é possível, sem ser necessário recorrer a investigações de qualquer natureza.

Há lugar para amadores e para profissionais. Simplesmente — o profissional, é profissional autêntico. O amador — amador de facto. A barreira é feita pelos próprios, sem ser preciso fiscalizar. Repugna a um amador de futebol receber dinheiro às escondidas, como a um profissional não receber bastantes libras. Daqui resulta, naturalmente, o progresso da modalidade.

Um bom amador deseja ganhar... mas como profissional!

Pode inferir-se, do que acima digo, que o amador deseja ser toda a vida... «amador»?

Nada disso. Tal como o pugilista em Portugal, e noutros países, evidentemente, o amador procura honestamente chegar a profissional. Aperfeiçoa-se com insistência, estuda como qualquer acadêmico, e outra na vida profissional com o pé direito, se

Vai publicar-se

o «Almanaque dos Desportos»

Apresentado por três distintos jornalistas desportivos, apreçará brevemente à venda o «Almanaque dos Desportos», um magnífico livro com 300 páginas ilustradas, devendo inserir mapas completos sobre a marcha de todas as modalidades de 1946 para trás, história de todas as regiões nacionais no campo da Educação Física, campeonatos da Europa e do Mundo, etc.

Esta obra vai por certo causar extraordinária sensação.

for possível, livre de pecados que o liguem a um amadorismo que haja tido qualquer sombra de dívida.

Isto no futebol como em todos os desportos profissionais ingleses, que são muitíssimos e variados.

Logo, eu estava enganado quando me apareceram os prédios escuros de Londres, na altura em que cheguei batidos ainda pela aviação inimiga e pelas bombas voadoras, que me fizeram tremer algumas vezes e olvidar a prática dos desportos, a despeito de lançarem com regularidade «possível» os vários campos de jogos...

Ea vinha de boca doce, habituado à paz de Portugal, e por isso não é de estranhar que escoce bastante do entusiasmo naturalmente armazenado em Lisboa. Mas logo que pude...

Ao sábado de tarde ninguém se atropela mas a excitação é grande...

«Todo o mundo» abandona às 15 horas os seus serviços. Pontualidade britânica, evidentemente. Os jogos de futebol principiam

às 15 horas, mas nem por isso a essa hora, se houver jogo no campo de Highbury, no campo do Arsenal, ou no Estádio Wembley, estará de menos uma pessoa!

Não sei se já disse que a entrada no campo, para os peões e bancadas, se faz como no Estádio Nacional. Os amadores passam por «staircases», que marcam automaticamente o número de pessoas que entram. Assim, é possível dizer-se, por exemplo: «ao jogo assistiram 62 389 pessoas», evitando números fantasiosos ou indicações que estão às vezes muito longe de corresponderem à verdade.

Pois o inglês amante do desporto e da vida ao ar livre, que são quase todos, saindo ao sábado do seu emprego, almotça a tempo e procura o seu transporte apropriado, sem atropalhões ou «assalto». Junta-se na bilheteira ou na «bicha» e não procura passar à frente seja de quem for. Assim procedendo — às 15 horas assiste ao seu jogo predilecto.

Quer isto dizer que tudo se calcula e se executa friamente? Não, senhor. Há excitação, movimento e rapidez. O desportista

inglês tem o seu programa. Tráça-o com tempo; e depois de sair do escritório ou da oficina, ao sábado, almoça como está decidido, segue o caminho que idealizou — e gasta mais ou menos a importância e os minutos que estavam orçamentados...

No campo de futebol, o operário mistura-se com o grande político ou financeiro. E tanto um como outro, vendo o futebol à sua maneira, sempre justa, pode afirmar-se, mostram-se ruidosos, assobiam e exibem os mais variados instrumentos...

Quando vi o primeiro jogo em Londres, calhou-me o Chelsea. E como a sua equipa é igual à do Belenenses — perdoe-se-me o fraco — deixei-me tomar por certa simpatia. Aplaudi com as mãos ao goal de Lawton, o melhor de Inglaterra e da Grã-Bretanha, o homem que veio do Everton por 1.100 contos em Novembro de 1945, há um ano, mas as minhas palmas foram abafadas por assobios estridentes, toques de instrumentos e canções!

Fiquei desolado. Julgava que a assistência não havia sido justa para com o fantástico remate de Tommy... A cena repetiu-se, e reparei na indiferença dos meus «adversários». No mesmo dia vim a saber que a maneira de aplaudir é um pouco diversa em relação à nossa. Os dois tentos de Lawton, afinal, haviam sido vitórias doidamente, e as minhas palmas insignificantes, sem a vibração do grito e do ruído habituais, não estavam nunca em posição capaz de alegrar o ambiente tão característico dos grandes jogos de futebol.

Lembrei-me disto mais tarde, quando aí estive em férias e assisti ao jogo Benfica-Chelsea, no Estádio Nacional. Os ingleses esperavam por certo menos palmas e mais «baralho»...

F. M.

Atletismo

(Continuação da página 6)

organizar concursos de propaganda na província, para os quais seria talvez fácil conseguir o apoio e colaboração das comissões de turismo e antárquias locais nas praias e estâncias de veraneio. Lembremos com saudades os antigos concursos da Figueira, das Caldes da Rainha, de Espinho, etc., e aqueles famosos Jogos Nacionais do Estoril.

É evidente que não se consegue, sem esforço e persistência, um resultado tão vasto; mas podemos confiar na dedicação e na competência dos nossos dirigentes federativos, que hão-de cooperar em unir seus nomes a uma obra construtiva e definitivamente impulsora do atletismo português.

Salazar Correia

2.ª DIVISÃO DA A. F. L.

O Casa Pia voltou a bater os novos campeões

TERMINOU no último domingo o campeonato da II Divisão da A. F. L. Apurado o vencedor da prova, oito dias antes, a derradeira jornada teve, no entanto, muito interesse, pois os desafios de Benfica e da Estrada das Amoreiras serviam para «arrumar» as classificações intermédias e decidir qual dos concorrentes da cauda da classificação fugiria do último posto.

Concluída a prova, a ordenação dos clubes ficou assim:

1.º — Estoril	24 pontos
2.º — Operário	23 »
3.º — Futebol Benfica	22 »
4.º — Casa Pia	21 »
5.º — Arroios	16 »
6.º — Sacavenense	14 »

Que nos recorde, nunca o Estoril consentiu que os mais directos adversários ficassem tão perto na tabela da classificação. Isto significa, implicitamente, que o campeonato de 1946-47 foi dos mais renhidos dos últimos anos.

O clube da Costa do Sol confirmou o favoritismo que se lhe concedia. Mas, indubitavelmente, o Operário excedeu as previsões mais optimistas ficando em segundo lugar. O Futebol Benfica quedou-se no terceiro posto devido a um final de prova em que decaiu.

O Casa Pia fez, incontestavelmente, uma boa prova, podendo gabar-se duma proeza: bateu por duas vezes o campeão. O Arroios,

estreado, foi irregular; mas, ainda assim fugiu ao último lugar, que veio a pertencer ao Sacavenense.

Dos três encontros da última jornada, o mais equilibrado foi o que se disputou na Amadora, entre estorilistas e casapianos. O próprio resultado — 3-2, a favor do Casa Pia — assim o indica. É crível que os campeões não se tivessem empregado a fundo, reservando-se para o próximo domingo. Mas ainda assim, eles deviam ter pensado na desforra, que não alcançaram.

Em Benfica, o Arroios teve a sorte do jogo pelo seu lado, alcançando um resultado — 5-2 — expressivo demais para as possibilidades dum e doutro contendor. Um defesa do F. Benfica abriu a Arroios o caminho do triunfo — facto que pode muito bem ter perturbado os donos do campo. Estes tardaram a recompor-se, pois só depois do intervalo (com a desvantagem de 1-4) conseguiram superiorizar-se. Nesta altura, porém, a defesa do Arroios respondeu amplamente às necessidades da equipa.

O jogo Operário-Sacavenense foi animado pela marcação de muitos golos. Nada menos de dez. Pode admitir-se a ideia de que os antigos rapazes de S. Vicente tenham jogado a pensar no segundo lugar...

D. D.

FUTEBOL no PORTO



A equipa de honra do Futebol Clube do Porto, campeão regional e o mais sério adversário dos Grandes de Lisboa...



Académico-Lexões — Uma fase de perigo junto da rede do Lexões

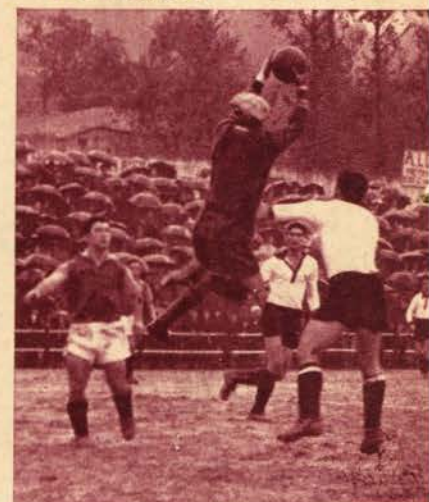
FUTEBOL em BRAGA



O remate de Correia Dias tem estilo



Correia Dias esgueira-se pelo meio da defesa do Leça...



Vitória de Guimarães-Sporting de Braga — Salvador, oportuno, em acção



Publicamos, em cima, a fotografia de dois Campeões Regionais: à esquerda, de Aveiro, e à direita, de Braga. O Sanjoanense após um torneio difícil, movimentado, e um pouco escabroso, ficou apurado para a Primeira Divisão do Campeonato Nacional. O Vitória de Guimarães venceu, mais uma vez, em Braga, mas a sua entrada já era certa

A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL



Um desafio de Polo em Londres



Flecha
a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



Stadium
2\$00